

MARTE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO IV — N.º 196 — Preço 6\$00 — 1/5/80

25 DE ABRIL

NAS RUAS DE ESPINHO



O hastear da Bandeira nos Paços do Concelho foi uma das cerimónias mais significativas

Comemorar com firmeza e determinação o 25 de Abril

(conclusão)

Pelo GEN. VASCO GONÇALVES

Um dos argumentos permanentes do governo da AD, da direita, da reacção e dos fascistas é o de as conquistas da revolução terem sido feitas à revelia do natural desenvolvimento do nosso país, a Constituição não estar de acordo com o país «real», etc., etc. E assim as culpas da situação actual serem do 25 de Abril.

Ora, ao contrário do que afirmam os seus detractores, as nacionalizações da banca e dos seguros, e dos sectores básicos da produção, a Reforma Agrária, não foram medidas voluntaristas, precipitadas, irrefectidas, desajustadas ao processo produtivo, impostas à sociedade portuguesa por um punhado de trabalhadores vanguardistas que não reaperentariam as classes trabalhadoras e os in-

teresses nacionais, apoiados por personalidades militares colocadas em lugares chave do aparelho de Estado.

Pelo contrário, as nacionalizações, a Reforma Agrária, corresponderam a necessidades profundas, concretas, práticas, do desenvolvimento económico-social da nossa Pátria, destruindo do mesmo passo a base económica do fascismo. Elas estiveram e continuam a estar, cada vez mais, de acordo com as tendências históricas objectivas do progresso económico-social. As nacionalizações e a Reforma Agrária foram também autênticas medidas de emergência tomadas em defesa da economia nacional contra a sabotagem e boicote dos mono-

continua na página 3

Com um programa algo empobrecido, e após ultrapassagem de dificuldades várias, que levaram inclusivamente a que fosse necessário recorrer a uma subscrição pública para arranjar a verba indispensável, e isto em consequência da posição claramente de boicote por parte da AD local, foi comemorado oficialmente o 25 de Abril em Espinho. Igualmente nas freguesias do concelho não faltaram as actividades comemorativas, na maior parte dos casos centradas em volta de iniciativas de carácter

desportivo e cultural.

Em Espinho, tudo começou manhã cedo com os morteiros a chamar à festa, a que se seguiu depois um conjunto de provas desportivas e, ao fim da manhã, a cerimónia do hastear da bandeira nos paços do concelho, tendo o Presidente da edilidade pronunciado um discurso a propósito da data que se comemorava. À tarde, houve mais provas desportivas, neste caso futebol de salão, e a deslocação aos quartéis da zona em missão de saudação.

Última página



1.º DE MAIO

«Aquele tarde em que as pessoas corriam, gritavam e arrancavam as pedras dos passeios; aquela tarde em que os soldados da GNR em cima dos cavalos carregavam de espadas desembainhadas sobre a multidão; aquela tarde em que os polícias se moviam de pistolas em punho e metralhadoras em riste. Aquela foi a sua última tarde.»

Ano de 1962, dia 1.º de Maio. Estevão José Dangué Giro tinha ido para o Terreiro do Paço comemorar o seu dia. Foi morto pela Polícia com uma bala na cabeça. Uma das muitas tragédias que fizeram a história do 1.º de Maio em Portugal, durante o fascismo. Mas o 1.º de Maio já vem de mais longe. Uma evocação na página 6.

SALÃO DE ABRIL

— UMA FORMA DE FESTEJAR A LIBERDADE

Aberto desde o passado dia 24, encerra amanhã mais uma iniciativa da NASCENTE — O Salão de Abril. Contributo activo e que se vai tornando já um hábito entre nós, o Salão de Abril engloba um conjunto rico de actividades, desde o Teatro aos colóquios, passando por um espectáculo do Coro Popular de Espinho e por sessões de cinema quer para crianças como para adultos.

Paralelamente, uma exposição — venda de serigrafias de artistas nortenhos está presente, graças à colaboração da Cooperativa Arvore, do Porto. De salientar que esta iniciativa encerra com um importante colóquio sobre um problema que, nova-

mente se põe a todos nós, a liberdade de informação. Nesse colóquio, a realizar amanhã, dia 2, estarão presentes dois homens bem integrados nos meandros da informação: Rui

Lima Jorge, da Rádio Comercial, e César Príncipe, do Jornal de Notícias. A não perder. Salão de Abril. Uma maneira inteligente de dizer que somos livres e estamos aqui.

PÁGINA 5



O Capitão Calvino e outros militares deram testemunho do drama que foi para eles e para o Povo Português a longa guerra colonial a que o 25 de Abril pôs fim

FEBRE DO OURO

Na semana passada, assaltantes decerto atacados pela febre do ouro, investiram contra a Ourivesaria Confiança, na rua 19.

O «trabalho» foi, obviamente, nocturno e feito pelas transeiras, para não dar nas vistas. Depois de terem feito um buraco na parede e estroncado uma porta ondulada, os larápios preparavam-se para esvaziar o estabelecimento quando tiveram que interromper a «tarefa» devido ao alarme ter funcionado. Sem pensar duas vezes, abandonaram o local da acção, deixando nele várias ferramentas próprias de tal «acto» e um macaco hidráulico. Tudo leva a crer que sejam peritos no assunto, atendendo aos instrumentos que os acompanhavam.

O caso foi entregue à Polícia Judiciária do Porto, e os prejuízos causados (2 portas e estragos na parede) foram calculados em cinquenta contos.

MOTORIZADA MUDA DE DONO

Talvez inserido nalguma campanha de promoção de pedestrianismo, alguém pensou que o sr. Carlos António Silva precisava, a bem da sua condição física, de andar a pé, vai daí, o «amigo do alheio» roubou-lhe a motorizada de que era proprietário, e que estava estacionada na rua 33.

Claro que o sr. Silva não gostou da brincadeira, até porque tinha dado vinte Donas Marias pelo veículo. Por isso, queixou-se às autoridades.

MAIS UM CHOQUE

Desta vez, na esquina das ruas 16 e 27. O veículo NR-89-70 e o AO-91-31, conduzidos pelos srs. António Tavares e Eng.º Arménio Gomes embateram, tendo daí resultado o que, infelizmente, é costume nestes casos — danos em ambos os veículos e ferimentos nos condutores. O pior é que cada vez há mais carros e as ruas são as mesmas. Daí cada vez mais serem comuns acontecimentos deste tipo.

MELOMANIA

Desconhecidos, decerto amantes da música, não resistiram à tentação de um rádio-leitor de cassetes que estava dentro do automóvel do sr. Joaquim Ferreira.

Depois de aberta a porta do veículo, levaram o aparelho e, talvez para não ouvirem música às escuras, apropriaram-se de duas lanternas eléctricas que lá também estavam. O sr. Ferreira comunicou a «subtração» à PSP local e atribuiu aos objectos furtados o valor de 8.000\$00.

RIFAS DA NASCENTE

2.ª Semana — Extracção de 24/4/80

180	1.000\$00	José Égito da Fonseca
080	100\$00	José Carlos Pinto Viana
280	100\$00	Ramiro Coelho
380	100\$00	Ana Rodrigues da Silva
480	100\$00	Carlos de Figueiredo Queiroz
580	100\$00	Maria Manuel F. Alcobia Pires
680	100\$00	Rui Seixas
780	100\$00	Paulo José da Costa Rodrigues
880	100\$00	Camilo Alves de Oliveira
980	100\$00	Almerindo Ferreira da Mota



Sexta-feira, 2

A SUPLENTE

M/ 18 anos

Os estúdios italianos continuam a apresentar fitas em cujo género continuam a ser férteis: o brejeiro. Depois de versados vários campos na procura de matéria erótica, o do ensino parece ser aquele que centraliza maior número de preferências. Professores(as) e alunos(as) andam num regabofe pegado, mas tudo isto num tratamento em que a malícia é pouco imaginativa, caindo quase sempre na piada grosseira e ordinária. Como o que se verifica mais uma vez neste caso.

Sábado, 3

OS SETE HOMENS DE OURO

M/ 13 anos

Há uns anos atrás, foi esta película rodeada de uma certa promoção publicitária que, como era de esperar, não surtiu efeito. Os ingredientes nela metidos não convenceram, mesmo para uma pouco mais que banal historieta policial. Rossana Podesta, na altura ainda em boa forma física, não chegava a nada. Portanto, é caso para perguntar: então para quê esta reposição tão foleira?

Domingo, 4

O SINDROMA DA CHINA

M/ 13 anos

Produzido meses antes de se ter registado o acidente — que poderia ter sido uma grande tragédia — ocorrido na central de Three Mile Island, este filme ganha hoje uma maior actualidade por nos apresentar uma antevisão daquilo que poderá surgir de uma improdente utilização da energia nuclear e consequentemente dos riscos a que poderemos estar sujeitos. Muito elogiado pela sua pertinência, e servido por uma boa realização cinematográfica, conta no seu elenco com a excelente presença de Jack Lemmon e de Jane Fonda. A não perder de maneira alguma.

Terça-feira, 6

OS TRÊS AMIGOS

M/ 13 anos

Uma produção americana de nível razoável na qual ressalta a preocupação de evidenciar o aspecto positivo e profundo da amizade nascida entre pessoas ocasionalmente dependentes entre si. Como «decor», o mútuo gosto de praticar «surf» dá por sua vez e em paralelo um certo gosto à vista. Assim, temos uma película não desinteressante de todo.

FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Sexta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Sábado — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Domingo — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Segunda — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Terça — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Quarta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250

OFICINA NA RUA

A Auto Viação de Espinho tem na rua 62 uma oficina de reparações dos seus autocarros. Até aqui, nada de especial. Mas o pior é que, quase todos os dias, os autocarros são reparados fora da oficina, atravancando totalmente o passeio além de, por causa do óleo derramado, as pessoas correm o risco de escorregar, especialmente em dias de chuva.

Não seria mais curial, as reparações serem feitas dentro da oficina? Supomos que todos lucraríamos se assim fosse.

O passeio é do Zél Não é da A. V. E. I.

VENDE - SE

Máquina de costura com motor e acessórios

Em bom estado.

Contactar: Tel. 922194

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º

Telef. 921014

ESPINHO

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

COMUNICADO - CONVITE

A Câmara Municipal de Espinho, em sua reunião ordinária de 17 do corrente, considerando que as construções clandestinas são um grave problema social que urge encarar com realismo, dadas as suas implicações nas condições de vida das populações.

Tendo em conta que se sabe serem muitas as construções ilegais mas que não se conhecerão exactamente todas as que existem nem a diversidade das situações e motivos que em cada caso não têm permitido as legalizações;

Devendo ser preocupação da Câmara procurar soluções que permitam criar as condições legais para minorar tão grave situação no Concelho;

Entendendo-se no entanto que os problemas não podem ser resolvidos causticamente mas em conjunto, e que para isso se torna necessário conhecer a realidade actual do pro-

blema quanto ao número e condicionalismos das situações;

Tendo-se também em consideração que um levantamento total e rápido da situação não parece ser viável através dos Serviços de Câmara; Deliberou:

1 — Convidar os proprietários de construções clandestinas a manifestarem o desejo da respectiva legalização sem que isso represente outro compromisso por parte da Câmara que não seja estudar o assunto.

2 — Que a este convite seja dada a maior publicidade nomeadamente solicitando aos párocos a sua leitura nos actos religiosos, além da utilização dos meios legais, dos jornais locais e da participação das Juntas de Freguesia.

3 — Encarregar os Senhores Casal Ribeiro e Marçal Duarte de coligir os respectivos elementos.

Espinho, 18 de Abril de 1980

O Presidente da Câmara

José Carvalho da Fonseca

MARE VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

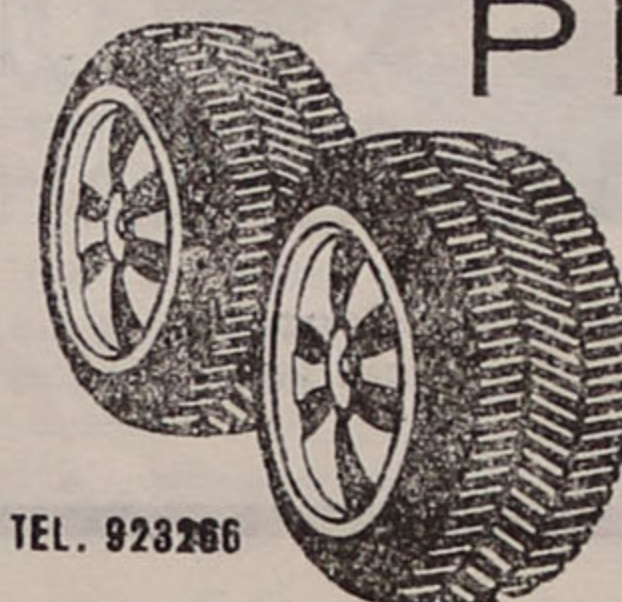
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, Nuno Barbosa e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Morais, José Cruz e Nunes Carneiro (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

— Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

TEL. 923266

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) — ESPINHO

RESTAURANTE — SNACK - BAR

O PADRINHO

Especialidade da Casa: Cabrito assado

Av. 24 n.º 697 — Telef. 920665 — ESPINHO

Aberto todos os dias até às 2 horas da manhã

AMORIM BARATA GARCIA

AGORA EM NOVAS INSTALAÇÕES

Reparações em Rádios e Televisores a cores e a preto e branco em todas as marcas

Alta fidelidade — Gravadores, etc., etc.

Vendas de electrodomésticos — Rádios e Televisores das melhores marcas e a bons preços

Artigos em plásticos, bijutarias, etc.

RUA 26 N.º 347 — TELEF. 923284 — ESPINHO

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO

O Comandante e a «sua» verdade

Em recentes declarações prestadas ao semanário «Defesa de Espinho», o Comandante dos Bombeiros Voluntários pronunciou-se sobre o tratamento dado no nosso jornal à situação que actualmente se vive naquela Corporação. Nessas declarações, o Comandante Veiga Ribeiro resolveu repor a «sua» verdade, não hesitando em recorrer a um jornal que nada tinha a ver com o assunto, mas onde por certo, presentiu uma especial aceitação para as suas posições.

A falta de melhores argumentos, entendeu por bem o senhor Comandante acusar-nos de uso de «má-fé» e de «processos jornalísticos nada honestos», quando, afinal, a entrevista que nos concedeu, que nós publicámos e que os nossos leitores conhecem corresponde, rigorosamente, às declarações que o referido senhor nos prestou, conforme é fácil

de comprovar pela gravação da entrevista efectuada.

As acusações que nos faz só poderão, pois, entender-se como tentativa de desviar as atenções do fundamental da questão por parte de quem pensava, porventura, que nos limitaríamos a transcrever os seus pontos de vista pessoais, sem o indispensável contraponto das opiniões contrárias defendidas por outros sectores da Corporação, e de cujo confronto é possível que as posições do Comandante não saiam particularmente fortalecidas. É fácil constatar, aliás, que nas declarações prestadas à «Defesa de Espinho» o Comandante não contesta qualquer afirmação dos bombeiros, limitando-se a repetir pontos de vista já conhecidos. Mas a nossa «má-fé» foi tanta que ao longo das quatro páginas que dedicámos ao assunto nos limitámos a ouvir e a transcrever os diferentes pon-

tos de vista do Presidente da Corporação, do Comandante e de alguns bombeiros que nos contactaram para nos dar a sua posição, sem alguma vez termos sequer expresso a nossa opinião perante as linhas em confronto. Se um procedimento destes justifica a acusação que nos é feita de «processos jornalísticos nada honestos», é óbvio para nós que o senhor Comandante não faz mais do que confundir práticas que lhe são provavelmente caras com a missão de outros que estão mais interessados em esclarecer a opinião pública sobre situações que a podem lesar gravemente do que em fazer, a todo o custo, a defesa intransigente e egoísta dos pequenos ou grandes interesses pessoais.

Publicamos entretanto, uma carta que a propósito da situação que se vive nos Bombeiros V. de Espinho nos foi enviada por um associado daquela Corporação.

UMA CARTA

«Será que isto tem resposta?»

De um associado do B. V. Espinho, devidamente identificado perante nós, chegou-nos a seguinte carta, que é mais um documento sobre a situação actual naquela Corporação:

«Eu, como sócio da Associação dos Bombeiros de Espinho li o «Maré Viva» da passada quarta-feira e fiquei bastante confuso com as notícias que vinham no citado jornal, e fiquei sem saber de que lado está a razão. Mas aquilo que eu sei é que o Comandante era contra esse jornal e até o queria processar por umas notícias que vieram há tempos e agora fico a pensar como é que o senhor Comandante foi dar uma entrevista a um jornal que só «meia dúzia de gatos pingados» o liam, isto dito pelo mesmo senhor Comandante.

Também queria perguntar à Direcção dos B. V. Espinho porque é que não se faz a apresentação das contas, como antigamente. Também antigamente os sócios recebiam postais para as Assembleias Gerais: porque é que agora só põem convocatórias nos jornais? Por aquilo que via antigamente com a outra Direcção os sócios estavam ao corrente de tudo o que se passava na Associação, por isso quer-me parecer que alguma coisa está errada. O senhor Presidente da Direcção diz que financeiramente a Associação está bem, mas não diz claramente como é que isso acontece e a mim parece-me que nem os próprios bombeiros sabem disso.

—Em vez de andarem a dizer que estão bem de dinheiro deviam era mandar arranjar a

ambulância Citroen em que eu aqui há tempos fui acompanhar um doente que era meu familiar e ia apanhando uma gripe por falta de um vidro da porta do lado direito. Se levar um doente a morrer, pois o doente bem morre, pois que várias vezes já tem acontecido a suspensão da ambulância ir totalmente abaixo e assim não poder andar por bater no chão. Ultimamente tem estado parada pela simples falta de uma abraçadeira para prender o tubo de escape. É uma vergonha para uma Associação de 86 anos que ande com uma viatura no estado em que se encontra a referida Citroen.

E não sei qual será o proveito maior: comprar um carro no valor de 1.900 contos e ter viaturas naquele estado. Não será mais importante ter bons carros a fazer serviços de saúde, que são os mais necessários e em maior número, do que comprar um carro de luxo cujo proveito até à data tem sido para tirar camionetas do lixo, ou abrir janelas ou gravar a sua sirene tipo americana para depois ser ouvida em discotecas? Também espero que esta viatura não vá servir para lavar cavalariças ou para lavar as ruas de Espinho, como há tempos acontecia com uma viatura -nevoeiro.

Mais uma vez digo que coisas destas não se podem justificar numa Corporação com 86 anos de serviço à humanidade. Será que isto tem resposta? Espero que sim, tanto eu como muitos associados que se interessam pelo bom funcionamento da nossa Associação.»

Vasco Gonçalves

continuação da página 1

polistas e latifundiários, contra o boicote internacional que o mundo capitalista praticou de modo aberto ou encapotado contra o novo Portugal que surgiu do 25 de Abril.

As nacionalizações da banca e dos seguros proporcionaram ao Estado um domínio quase completo sobre os circuitos financeiros, o que criou a possibilidade de, pela primeira vez na nossa história, ser posta em prática uma política planificada de desenvolvimento ao serviço da satisfação das necessidades materiais e espirituais do povo português.

Sem a nacionalização da banca não poderiam ser efectuadas a nacionalização dos sectores básicos da produção e dos transportes, nem a Reforma Agrária, dentro de uma lógica não capitalista que abriu as perspectivas do socialismo.

Com as nacionalizações e a Reforma Agrária o Estado passou a dispor do núcleo fundamental da nossa economia o que tornou possível organizar a planificação do desenvolvimento económico-social e pôr fim ao caos, à desordem da economia capitalista.

Simultaneamente, dispondo dessa base económica poderosa — o sector nacionalizado, — era possível assegurar que a iniciativa privada funcionasse dentro da lógica dos interesses nacionais e da progressiva diminuição do grau de exploração

dos trabalhadores até se atingir a total eliminação dessa exploração. Era assim criada a base material indispensável, quer ao aprofundamento real da democracia política, económica e social, quer à prática de uma política de autêntica independência nacional, não submetida aos interesses do imperialismo e do capital estrangeiro.

Não parece ser necessário mais do que esta referência ao sumário às condições conjunturais em que foram realizadas as nacionalizações, aos seus objectivos, às suas enormes potencialidades económicas e à sua influência sobre a democratização da sociedade e sobre a política de independência nacional para demonstrar como é verdade que as nacionalizações não foram voluntaristas, precipitadas, insensatas; que o ritmo a que foram realizadas não era acelerado, mas ao contrário, foram transformações revolucionárias das estruturas económicas-sociais exigidas pelas próprias condições do desenvolvimento da sociedade portuguesa.

E de tal modo exigidas por essas condições históricas que, não obstante 48 anos de fascismo, obscurantismo, repressão sobre o nosso povo, esse mesmo povo e nomeadamente os trabalhadores, tiveram consciência da necessidade dessas transformações e na sua conquista desempenharam um papel decisivo juntamente com outras forças revolucionárias.

Do mesmo passo, os trabalhadores e o povo conquistaram amplos direitos e liberdades cívicas e sindicais, o direito à participação no vida pública, desempenharam um papel cada vez mais relevante na vida das empresas, controlando a sua gestão em numerosos casos, etc.

Todas estas conquistas são parte integrante da nossa Constituição, que, jurídico-institucionalmente abre a perspectiva da transformação da sociedade portuguesa, por uma via pacífica

e pluralista, garantida pelas Forças Armadas, numa sociedade socialista, com o exercício do poder democrático pelos trabalhadores e o fim da exploração do homem pelo homem.

As conquistas da revolução no fundamental estão de pé

A força destas conquistas do 25 de Abril é de tal ordem própria do natural desenvolvimento histórico da nossa sociedade, que, não obstante desde o Verão de 1975 se ter desenhado uma correlação global de forças políticas e sociais, civis e militares favoráveis à recuperação capitalista, agrária e imperialista, esta recuperação não pôde ser obtida até hoje, graças não só às condições concretas, profundas, objectivas da estrutura sócio-económica da nossa sociedade, como também devido à luta firme, tenaz, obstinada, empenhada, lúcida, corajosa, entusiástica, confiante das mais amplas massas populares e democráticas e do movimento sindical unitário, luta que tem sido conduzida com unidade e mobilização crescentes, dentro do quadro da Constituição da República de 1976.

As conquistas da revolução no fundamental estão de pé!

A ofensiva actual contra o regime democrático visa a sua destituição

Nestas condições a direita perdeu as ilusões que tinha de poder destruir dentro do quadro constitucional as novas estruturas económico-sociais e as novas liberdades políticas e sindicais surgidas do 25 de Abril. Daí que o governo da AD actue frontalmente, descaradamente, contra a Constituição, com o objectivo de rom-

Comemorar com determinação

o 25 de Abril

Face a este ataque mais se impõe a comemoração do 25 de Abril, que deve ser uma grande jornada de esclarecimento público e de unidade e mobilização de todas as classes e camadas sociais anti-monopolistas, anti-latifundistas e anti-imperialistas, independentemente das diversas correntes políticas a que pertencem.

Deve ser feito um esforço de demonstrar, de esclarecer, de explicar as potencialidades sócio-económicas do novo regime, que não têm sido aproveitadas, antes pelo contrário têm sido objecto de boicote e destruição. Em particular esclarecer as camadas da pequena e média burguesia sobre a segurança e as possibilidades que

a Constituição lhes oferece, desde que respeita a estrutura sócio-económica nela instituída.

É preciso comemorar o 24 de Abril efectuando um trabalho pedagógico e mobilizador, unitário, sobre o modo como desmascarar, combater e conduzir à sua queda no quadro dos direitos e liberdades constitucionais, o governo da AD. Essa acção esclarecedora, pedagógica e mobilizadora que o governo AD não deseja ao querer silenciar o 25 de Abril e ao manipular e deformar todos os dias a comunicação social estatizada, é fundamental por tudo o que se tem vindo a dizer.

Comemoremos, pois, o 25 de Abril, com determinação e lucidez em ligação com a imperiosa necessidade de desenvolver um trabalho teórico e prático, repetimos dentro dos direitos, liberdades e garantias constitucionais dos cidadãos, no sentido de travar a acção destruidora do nosso Portugal democrático que está sendo levada a cabo pelo governo da AD, tendo em vista a criação de condições para a sua mais rápida substituição por um governo que respeite a Constituição e os superiores interesses do nosso povo e da nossa Pátria.

VIVA O 25 DE ABRIL
VIVA PORTUGAL

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

LOUROSA

LOUROCOOPE

— o balanço de 1979

O ano de 1979 «foi caracterizado por uma evolução bastante positiva da situação financeira, por um incremento da actividade comercial e melhoria dos serviços prestados ao consumidor» — conclui a Direcção da Lourocoope, no «Relatório e Contas» agora apresentado aos associados. São depois analisados, detalhadamente, os variados aspectos de situação financeira e da actividade comercial da Cooperativa.

«VALEU A PENAL»

Um aspecto muito importante da actividade desta Cooperativa de Consumo — que actualmente, conta com cerca de 1300 sócios — é a sua actividade desenvolvida no campo sócio-cultural, através do Grupo Recreativo e de Intervenção Cultural da Lourocoope (GRIC - L).

A Direcção da Lourocoope refere que «estamos conscientes do papel da animação sócio-cultural no seio da Cooperativa e não nos poupámos a esforços para que no final do ano, ao fazermos o balanço da

actividade desenvolvida, poderemos dizer com entusiasmo — valeu a pena.»

As actividades desenvolvidas pelo GRIC - L vão da Formação ao Teatro, passando pela Animação Cultural, Desporto, Informação, Biblioteca e Defesa do Consumidor, merecendo destaque a participação e realização de Cursos de Formação Cooperativistas, Cultural, Sindical, etc; o Trabalho do grupo de Teatro; as iniciativas em defesa do consumidor (edição de um Boletim, criação de um «Grupo de Defesa do Consumidor», colóquios, etc.); e a Biblioteca, entre outros.

ANO TRÊS

Iniciando a sua actividade em Agosto de 1977, pese embora as enormes dificuldades, a Lourocoope vai crescendo, vai-se consolidando como Cooperativa de Consumo o que aliado às actividades nos sectores social, cultural, formativo e desportivo, pode fazer com que a Direcção e associados se orgulhem da sua obra e continuem.

PLANOS DE OBRAS PARA AS FREGUESIAS

Depois de Guetim e Paramos, completamos hoje com Anta e Silvalde a apresentação dos planos de obras que estas freguesias, através dos seus órgãos autárquicos, remeteram à Câmara Municipal para posterior discussão na reunião que a Assembleia Municipal fará para discussão do Plano e Orçamento do município para 1980.

ANTA

1. Alargamento do cemitério paroquial.
2. Arranjo do Largo do Souto, para enquadramento urbanístico das obras da Igreja.
3. Ligação a Oleiros dos

lugares do Gavião, Aldeia Nova e Agro Velho.

4. Arranjo da estrada da Ponte de Anta ao Souto.

5. Ligação da rua do Peso com Oleiros e Silvalde.

6. Ligação da Idanha (via campo de futebol) com Cafufas e Carvalhal.

7. Construção de um campo de jogos adequado.

8. Ligação do Fojo, pela rua dos Linhares, à estrada que liga a Ponte de Anta à Idanha.

9. Necessidade de novas salas de aula.

10. Necessidade de um edifício para a Junta apropriado.

Os órgãos de Anta fazem ainda sentir que o alargamento do cemitério é prioritário e chamam a atenção para outras necessidades várias, no campo dos arruamentos, da toponímia, dos tanques e lavadouros públicos e do desporto.

SILVALDE

1. Pavimentação e electrificação da rua dos Miros, que liga o quartel ao Loureiro.
2. Que na revisão do plano de urbanização seja considerado:
 - a) zona urbana ampliada
 - b) urbanização da Quinta da Seara, da Junta, dada a existência de construções so-

ciais e a falta de estruturas adequadas

c) projecto da Estrada da Circunvalação para o extremo nascente para que nessa zona possam ser implantadas uma escola primária com 12 salas de aula, um infan-tário com jardim-escola e um parque infantil.

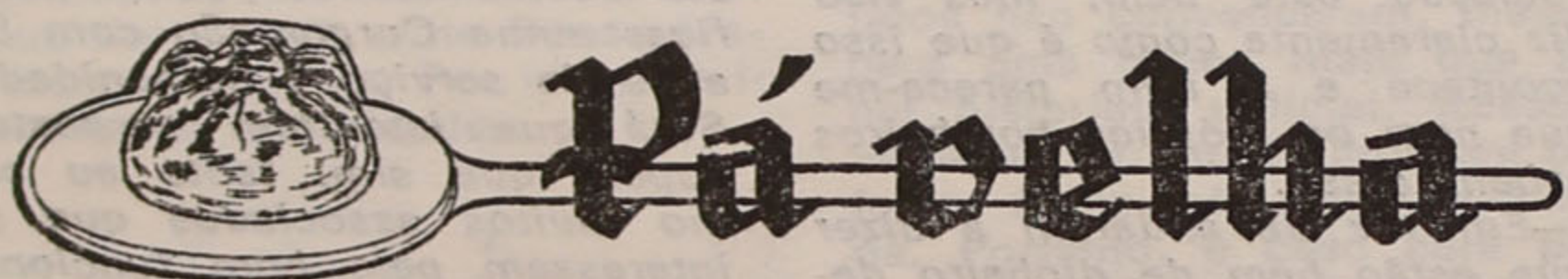
3. Dar seguimento ao plano já aprovado na A. M. (novo edifício-sede da Junta, sede da Banda Musical com integração de um edifício de Assistência Social).

4. Bairro Piscatório, arranjo e pavimentação de todas as ruas, substituição das

areias velhas por areias novas, construção de acessos a habitações, de um lavadouro público junto ao rio de Silvalde, melhoria da rede de esgotos e da electrificação.

5. Pavimentação das seguintes ruas: dos Covelos, do Gulhe, do prolongamento da rua do Loureiro desde — rua 20, do Pinhal Novo entre os Outeiros e a rua 33, e da Corga que liga à 109.

6. Com urgência: alargamento do cemitério, água e saneamento básico e recolha de lixo em toda a freguesia.



Pá velha

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

Talho e Chareutaria
CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas,
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã**ESPOSABELA**

Rua 12 n.º 589 — ESPINHO

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620875 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

VENDEDOR

PRECISA - SE

de máquinas de escrever, calcular, fotocopiar e mobiliário metálico. Carta indicando condições desejadas, idade, morada, telefone e demais

elementos de interesse ao apartado 122

4502 ESPINHO

TRIANGULOCAFÉ — BAR
COZINHA REGIONAL

Aberto até às 2 horas da manhã

Especialidade em Francesinhas, etc.

Angulo das ruas 15 e 22 — Telef. 920997 — ESPINHO

(Encerramento às 5.ª feiras para descanso do pessoal)

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 920452

TÉCNICO

PRECISA - SE

com conhecimentos de electrónica para reparação de máquinas de calcular, escrever e fotocopiar. Carta indicando condições desejadas, idade, morada, telefone e demais elementos de

interesse ao apartado 122 — 4502 ESPINHO

Uma casa especializada em flos de tricot e industrials

Boalã

Rua 14 n.º 647 Telef. 922191 ESPINHO

(entre as Ruas 21 e 23)

Descontos especiais para tricoteadeiras

Pinto de Matos

ESPECIALISTA

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

REUMATOLOGIA

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 921218

ESPINHO

VENDEDOR

jornais, revistas e lotaria e outros artigos de venda pública. Boa comissão.

Falar na Avenida 24 — n.º 1013 — Espinho entre as 9 e as 11 horas

Salão de Abril

Colóquio sobre a Guerra Colonial

Cerca de 150 pessoas assistiram à projecção do filme «Ecos de uma Guerra» de Rui Ramos e a um colóquio sobre a guerra colonial, orientado pelo Capitão Calvino, Sargento-paraquedista Carlos Vicente e o 1.º Cabo Flores, todos da ADFA.

O filme relata alguns aspectos da guerra nas antigas colónias e ainda mostra o processo de recuperação e integração de um deficiente das Forças Armadas.

O Capitão Calvino referiu-se

à guerra colonial como uma guerra que saiu tão cara ao povo português devido «à teimosia de um regime». Ainda segundo o capitão Calvino, se a guerra colonial tivesse durado até hoje, dado a grande sofisticação das armas utilizadas, teriam morrido 100 mil pessoas, e não as 11 mil que morreram entre 1961 e 1974.

Seguiu-se animado debate.

No início da sessão os militares presentes autografaram os seus livros.

«Era uma vez um País»:

Um espectáculo renovado

25 de Abril é uma data que marca bem fundo o coração daqueles portugueses que embora desiludidos, alimentam ainda uma viva chama de esperança. Naquele dia, em 1974, foi a queda do fascismo, palavra que significa para além de muitas outras coisas, opressão e censura. Daí que tudo, ou quase tudo, tivesse de ser feito a coberto dos demónios vampiros fascistas. E a música teve um papel preponderante, utilizada como forma de combate contra os entraves postos pelo antigo regime. Essa música foi a voz de um povo, da revolução, ao dar o sinal da arrancada ao movimento dos capitães. Hoje ela perdura, constituindo documento histórico, não só para nós, mas para muitos povos que como o português, sofreram na pele o ódio da repressão.

E foi aqui que surgiu o espectáculo do Coro Popular de Espinho «Era uma vez um País». Pretendendo abranger uma série de lutas populares, desde a França da Comuna, ao Portugal salazarista, passando pela Espanha de Franco, pela União Soviética do Outubro vermelho, congregaram-se a música, a palavra, a imagem, num corpo só, que foi pela primeira vez apresentado ao público a 24 de Abril do ano passado. Agora,



«Era uma vez um País», na sua nova forma, passou a contemplar também o Portugal dos últimos seis anos.

foram feitas inovações, preparando-se o espectáculo tendo em vista especialmente, a comemoração em 1980 da data libertadora. Depois do muito trabalho que deu, surgiu o produto final. Bastante gente esteve a vê-lo (e a ouvi-lo), isto se tivermos em conta que em-

bora de forma diferente já era anteriormente conhecido.

As palmas no final premiaram o trabalho empenhado desta secção da Nascente, que transportando-nos ao passado, lembrou-nos que ainda estamos vivos para julgar o presente.

«SAGUI E AS ESTRELAS»

Um prazer a cultivar

Um dos momentos mais altos do conjunto de iniciativas integradas no «Salão de Abril», ainda que não tenha sido das que mais atenções sobre si atraiu, foi, sem dúvida, a estreia em

Espinho do novo trabalho do Teatro Popular de Espinho da Coop. Nascente, a peça «Sagui e as estrelas», dedicada em especial às crianças.

Trata-se de um texto de Domingos Oliveira, homem de teatro há muito ligado ao TPE, e que é uma versão mais desenvolvida da peça já apresentada por alturas do Natal. Partindo de um passo da obra «Esteiros», de Soeiro Pereira Gomes, Domingos de Oliveira construiu um texto notável a vários títulos, a começar pelo carácter profundamente poético, que aqui significa afastamento da realidade quotidiana dos homens no mundo, e a que estão notoriamente ligadas preocupações de carácter pedagógico (o autor é professor de profissão), tudo isto transmitido numa linguagem cheia de imagens e mergulhada numa sensibilidade que faz de todo o texto um prazer mesmo ao simples nível de audição.

A transposição para a cena de um texto tão rico, a par de algumas dificuldades e limitações que poderão por certo ser em parte ultrapassadas, revela, desde já, uma qualidade muitíssimo apreciável, conseguindo os actores em cena caminhar bem no sentido de criar o ambien-

te que o texto sugere e exige. A própria encenação, com recurso à projecção de sombras em cortina iluminada, é de grande simplicidade mas eficaz.

No conjunto, trata-se pois de um espectáculo de rara qualidade, que produz sobre quem a ele assiste, criança ou adulto, um impacto fortíssimo e profundo. E constitui, para além do mais, uma aposta corajosa do Teatro Popular de Espinho na disponibilidade das crianças para o culto da beleza, para o exercício da inteligência, para o despertar da sensibilidade e o prazer de aprender a vida. Uma aposta que é tanto mais arriscada quanto é certo que estes são valores que a criança não está habituada a encontrar no mundo que a rodeia, quantas vezes nem mesmo na própria escola.

Assim, silenciosamente, sem alarde, quase humildemente, os jovens do TPE trabalharam para oferecer às nossas crianças um momento de que todas deverão usufruir. É urgente que se criem possibilidades para que os alunos das escolas, os professores, os pais, vivam a experiência fascinante de conviver durante 50 minutos com «Sagui e as estrelas».



«Sagui e as Estrelas»: uma aposta corajosa do T. P. E. na disponibilidade das crianças para o culto da beleza.

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.
DOENÇAS DOS OLHOS

ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.

TELEFONE 922470 — ESPINHO

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.

Telef. 921810 — ESPINHO

A MODELAR

Telefone
923068



Rua 16 — Merc. Municipal
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas
de óculos com descontos das
Caixas de Previdência

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Agência dos Pneus «FIRESTONE»

Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas
por sistema electrónico

Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29

ESPINHO

Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097



FÁBRICA DA BRASILEIRA

Ramiro de Sá Couto, L.da

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telef. 9642101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

1.º DE MAIO

1962

EM PORTUGAL. TUDO COMEÇOU

COM UM PASSEIO NO CAMPO...

O 1.º de Maio foi comemorado pela primeira vez em Portugal no longínquo ano de 1890. Ou seja, apenas quatro anos após os trágicos acontecimentos que originaram os «Mártires de Chicago». A iniciativa daquela comemoração no nosso país pertenceu à Associação dos Trabalhadores da Região Portuguesa. Preparando esta jornada internacionalista, tinham estado em Paris, num congresso operário, dois trabalhadores portugueses (1889). Curiosidade: um dos portugueses, Manuel Luís de Figueiredo, chegou mesmo a presidir a uma das sessões do congresso, precisamente aquela em que foi votado o «*dia máximo de oito horas por lei internacional*». Ainda nesse encontro foi calorosamente subscrita por todos

os presentes uma proposta (já aprovada num outro congresso operário de tendência diferente) onde se estatuiu o 1.º de Maio como Dia Mundial dos Trabalhadores.

Por esses primeiros tempos, não parecia ainda muita clara a forma mais correcta de comemorar o 1.º de Maio. Uns optavam pela festa, outros pela jornada reivindicativa. Em 1890, a celebração consistiu num passeio ao campo. «*A partir dessa data nunca mais se deixou de*

fazer a manifestação de 1.º de Maio no nosso país, com maior ou menor actividade. Ao princípio, o Governo e o Capitalismo também se assustaram, mas como a manifestação do 1.º de Maio no nosso país teve sempre mais um carácter de festa do que de verdadeiro sentimento de protesto e revolta, depressa voltou o sossego ao espírito das classes preponderantes» (César Nogueira, em 1917). Vendo as coisas por um prisma completamente oposto, o

jornal *A Batalha* escrevia em 1924: «*É lamentável que ainda nos nossos dias uma parte do operariado tome o dia 1.º de Maio como pretexto para uma festa. Há não só associações de classe que nesse dia fazem sessões solenes para comemorar a data festiva, como chega às vezes a inconsciência até ao ponto de botarem banda de música nas ruas e o estrolejar de foguetes.*»

O ano de 1962 tem lugar de destaque nesta luta. Nesse ano realizaram-se grandes manifestações à escala nacional. A repressão foi feroz e os «tiros para o ar» ceifaram a vida a um trabalhador. Em pleno Alentejo a GNR abriu fogo sobre a população, matou dois mineiros e feriu gravemente uma mulher e uma criança. Resultado: a 8 de Maio estava na rua uma nova jornada de luta! A polícia abriu fogo indiscriminadamente as metralhadoras não se calaram em Lisboa durante muitas horas, cuspidando fogo nas ruas e mesmo dos telhados. Foram vários os mortos e muitas dezenas de feridos. E o povo enfrentava a polícia, batia-se contra ela, com uma coragem que ia abrindo sem equívocos a cova ao fascismo...

Até 74 não se andou longe disto.

Os mártires que fizeram a data

«A primeira e maior necessidade do presente, a fim de libertarmos o trabalho deste país da escravidão capitalista, é a promulgação de uma Lei segundo a qual o dia de trabalho deve compor-se de oito horas em todos os estados americanos, e nós não abandonaremos,

até ao triunfo, este alvo glorioso.»

Estamos em 1886, nos Estados Unidos, num congresso do qual saiu o Partido Nacional Operário. A história do 1.º de Maio, de certo modo, começa aqui, nesta reivindicação que se estenderá a todo o mundo tra-

balhador, aquém e além Atlântico.

Em 1873, cem mil trabalhadores entram em greve no estado de Nova Iorque. A repressão é brutal. Está declarada a guerra entre trabalho e capital. Em 1877, já as greves alastram a muitos outros estados.

CHICAGO, MAIO DE 1886

Eis então que surge, pela primeira vez na História, a data do 1.º de Maio associada à luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações. Corre o ano de 1886. Operários do Illinois, reunidos em Chicago, deliberam decretar greve a partir do dia 1 de Maio. Exigem as oito horas de trabalho. É assim que, nessa data, eclodem cinco mil greves em território americano. Organizam-se comícios e manifestações grandiosas, sucedem-se os recontros entre operá-

rios e polícia.

Chicago, dia 3 de Maio. Durante uma concentração de operários, a polícia abre fogo, causando um morto e centenas de feridos. No seguimento, uma enorme multidão reúne-se em comício numa praça da cidade quando a polícia irrompe de novo. Rebenta uma bomba. Tiroeiro cerrado. Prisões em massa.

A 20 de Agosto desse ano de 1886, oito operários são julgados e condenados à

morte. Quatro deles são efectivamente enforcados, um suicidara-se na véspera, os outros três vêm as suas penas comutadas. São os «Mártires de Chicago», causa directa e estímulo de novas e importantes movimentações de massas. O curioso é que em 1893, após um longo e atribulado inquérito, é reconhecida a inocência dos operários condenados 7 anos antes. São libertados os três presos, mas os cinco mortos não ressuscitam...

«QUE EM TODOS OS PAÍSES...»

Os ecos da tragédia de Chicago correram mundo. Por ocasião de dois congressos operários em Paris (ano de 1889), foi aprovada a seguinte moção: «Que em todos os países e em todas as povoações se organize num determinado dia uma grande manifestação internacional dos trabalhadores, a fim de reclamarem dos poderes públicos o estabelecimento do dia normal de oito

horas de trabalho, e todas as demais reivindicações que o Congresso formular.» Para essa manifestação foi marcado o dia 1.º de Maio atendendo à luta desenvolvida pelos operários americanos.

Em 1890, a 1 de Maio, efectuaram-se manifestações de trabalhadores não só nos Estados Unidos, como já vinha sendo tradição, mas

também em vários outros países europeus, entre os quais Portugal. Era o internacionalismo proletário em marcha.

Entretanto, no Congresso Internacional da Democracia Socialista, reunido em Bruxelas no ano de 1891, foi ratificada a data do 1.º de Maio para a realização anual de grandes manifestações operárias.

A NOITE

Fosse como fosse, muitos milhares de operários aderiam sempre a estas comemorações. Até que chegou o fatídico ano de 1926. De então para cá, e durante 48 negros anos, a história do Dia dos Trabalhadores é infelizmente mais fácil de contar. É uma repetição de proibições, prisões, espancamentos, assassinatos. Terror e sangue, misturados pela ditadura.

Em 1927 ainda houve uma pequena comemoração em Lisboa, quer na rua, quer na Voz do Operário. Quanto ao Porto, rezava assim o Diário de Notícias de 3 de Maio de 1927: «*Por determinação das autoridades não se realizaram hoje quaisquer comemorações públicas das que as classes operárias costumavam realizar para solenizar o 1.º de Maio. As ruas durante o dia estiveram patrulhadas por soldados da GNR a cavalo.*»

UM RITUAL DE TERROR

Era a repressão generalizada que já aparecia pelas ruas. Entretanto, não significa que tivessem acabado as comemorações do 1.º de Maio. Muito pelo contrário. Sempre ele permaneceu vivo como jornada de ano para ano mais forte, mais decidida, mais de raiva. Uns dias antes, a PIDE fazia numerosas prisões preventivas; no próprio dia eram as cargas policiais, os tiros, as brutalidades, as mortes e muitas mais prisões. Mas no ano seguinte lá se estava outra vez. Pelo meio, as greves, as manifestações, o trabalho clandestino, a imprensa operária — a resistência que o fascismo não conseguia calar.

PERTO DO FIM

Em 1973 foi assim: «*Em Lisboa numerosos trabalhadores se concentraram na Baixa a partir das 19,30, sendo brutalmente carregados pela PSP à bastonada, a soco, a pontapé, do que resultaram dezenas de feridos que tiveram que receber tratamento no hospital, sendo feitas várias prisões. Fechadas todas as saídas do Rossio, à excepção das que davam para a Praça da Figueira, os manifestantes foram obrigados a dirigir-se para lá, onde eram encerrados, isolados em pequenos grupos e selvaticamente espancados por guardas da PSP e centenas de policiais à civil que desde o início se tinham misturado com a multidão (...). Raramente se terá assistido a tamanho furor no espancamento da população, fossem manifestantes ou pacatos transeuntes que o acaso tinha levado ali àquela hora.*» (in Avante).

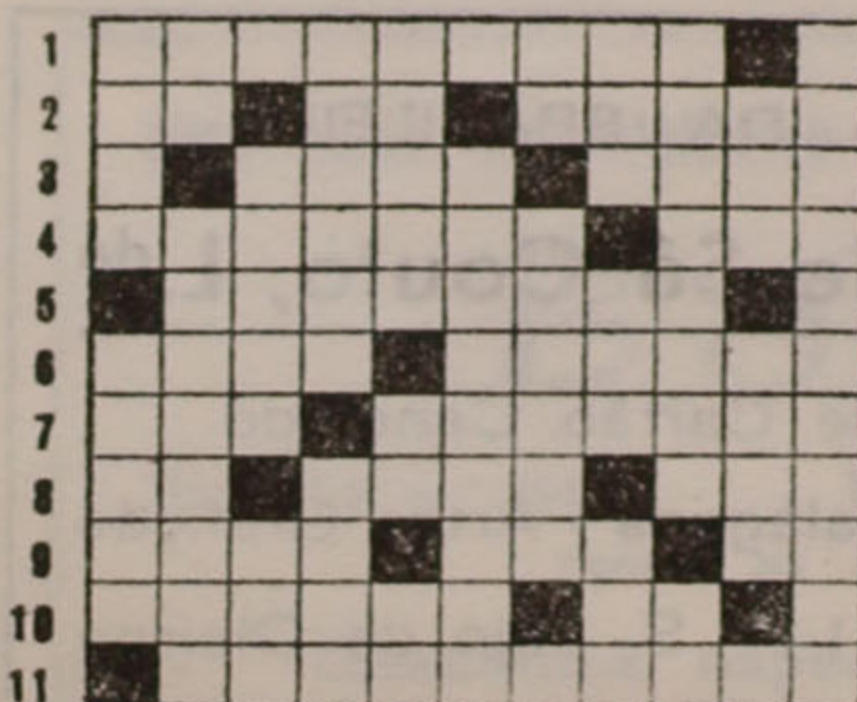
Daí a um ano era aquela festa impressionante que ninguém esquecerá jamais. Uma festa alicercada em muitos anos de luta, em muito sangue, muito suor e muitas lágrimas. E numa certeza inquebrantável: a vitória da razão.

SNACK - BAR — PRÍNCIPE — RESTAURANTE

Encerra à terça-feira
Rua 14 n.º 473 (âng. Rua 15)
Telef. 922247 — ESPINHO

PALAVRAS CRUZADAS - 63

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS

1 — Personagens fantásticas que os espiritistas crêem aparecer sobretudo nas casas grandes e antigas; 2 — Terra de Abraão; s. q. do ruténio; deitar fogo; 3 — Apelido; debrue; 4 — Inclinação de um astro em relação ao local de observação; sorriso; 5 — Inapta; 6 — O mesmo que «amola» forma antiga; a fêmea do carneiro; 7 — Importante estação de televisão americana; Jerónimo e

VERTICAIS

1 — Escapada; encontrar; 2 — Aparência; o mais jovem país africano e do mundo; 3 — Que fazem pantomina recorrendo apenas a gestos; batráquios;

4 — Instrumento maior do que a trombeta; medida inglesa equivalente a cerca de meio litro; 5 — Multe; contracção de posição e artigo; pena; 6 — Passar por cima; 7 — Ruim; contaminara; 8 — Amarrar; Teatro Experimental de Cascais; nome de homem; 9 — Parte dos palácios turcos que os sultões destinam ao seu harém; prefixo de negação; 10 — Acolá; prefixo que significa «vermelho»; 11 — Transferido para a posse de outro (estabelecimentos comerciais).

SOLUÇÕES DO N.º 62

HORIZONTAIS

1 — Shakespeare; 2 — ABL; ário; 3 — Tremoços; MC; — Rês; Lot; Poe; 5 — Am; filete; 6 — Divagaste; 7 — Árabe; ex; RN; 8 — Letria; INIC; 9 — Aoarta; ANI; 10 — Ac; marxista; 11 — Roxa; aérea.

VERTICAIS

1 — Trafalgar; 2 — Harém; ré; Co; 3 — Abes; data; 4 — KLM; fibroma; 5 — Oliveira; 6 — Sacola; atra; 7 — Portege; axe; 8 — Eis; táxi; ir; 9 — Ao; pés; NASE; 10 — Ao; mó; trinta; 11 — Exce-lência.

A. LEITÃO e F. COUTO**melhoram marcas nos 5.000 m**

Competindo, no Torneio «Primeiro de Maio», com um lote de excelentes atletas nacionais e internacionais, os espinhenses António Leitão e Fernando Couto conseguiram melhorar as suas marcas pessoais na prova dos 5.000 metros.

Fernando Couto, 16.º, realizou o tempo de 14 min. 32,8 s, e António Leitão, 8.º, atrás de 3 espanhóis, 1 belga, 1 checo e dois portugueses (Sena e Abreu), baixou o seu tempo em quase 3 segundos conseguindo a marca excelente de 13 min. 52,1 seg.

S. C. E. no Nacional da III Divisão

Conforme anunciámos no último número, o Sp. Espinho participou no dia 20 no torneio de apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão em atletismo. A equipa masculina obteve o 4.º lugar entre 16 equipas e a equipa feminina o 6.º lugar entre 10 equipas, sendo de notar que esta última foi integrada apenas por três atletas.

Os resultados individuais foram os seguintes:

MASCULINOS — 100 m — Miguel Silva (4.º) — 11,8 s; 200 m — Alvaro Sá (6.º) — 24,9 s; 400 m — Alvaro Sá (5.º) — 53,4 s; 800 m — António Leitão (1.º) — 1 min. 55,6 s (record pessoal); 1500 m — António Leitão (1.º) 4 min. 04,8 s; 5000 m — Joaquim Silva (4.º) — 15 min. 31,9 s; 10.000 — Augusto Rachão (7.º) — 34 min 41,0 s; 110 m barreiras — José Oliveira (5.º) — 21,8 s; 400 m barreiras — Pedro Faustino (5.º) — 1 min. 05,7 s; 3.000 m obstáculos — Fernando Couto (1.º) — 9 min. 13,3 s; 4x100 m — SCE (4.º) — 49,6 s; 4x400 — SCE (4.º) — 3 min. 41, 8 s; Altura — Adriano Ribeiro (2.º) — 1,70 m; Comprimento — Adriano Ribeiro (2.º) — 6,16 m; Triplo-salto — Adriano Ribeiro (3.º) — 12,09 m; Peso — Carlos Dieguez (5.º) — 7,54 m; Disco — Victor Oliveira (2.º) — 26,90 m; Martelo — Carlos Dieguez (4.º) — 16,72 m; Dardo — Victor Oliveira (4.º) — 33,84 m.

FEMININOS — 100 m — Lucinda Sá (5.º) — 14,1 s; 400 m — Margarida Barbosa (3.º) — 1 min. 06,9 s; 800 m — Margarida Barbosa (3.º) — 2 min. 43,0 s; 100 m barreiras — Conceição Dias (1.º) — 19,2 s; Comprimento — Conceição Dias (2.º) — 4,03 m; Dardo — Conceição Dias (2.º) — 21,74 m.

No sector feminino, apesar das dificuldades de captação provocadas pela carência de instalações apropriadas, os resultados foram positivos, em particular o do dardo de Conceição Dias, que aliás revela aptidões especiais para o pentlato.

No sector masculino, o destaque vai para o tempo (record pessoal) do juvenil Miguel Silva, para o também record pessoal de António Leitão nos 800 metros e para as marcas de Fernando Couto, nos 3.000 metros-obstáculos, e de Victor Oliveira, no disco, prova que fez pela primeira vez.

Todos estes resultados projectam o trabalho que agora é possível, pois com o aparecimento da desejada pista (que se espera o mais breve possível) por certo que o Sp. Espinho poderá vir a apresentar um nível de marcas bem superior.

Mini-Maratona do Académico

Cerca de trezentos atletas percorreram no domingo de manhã, através das ruas de Espinho, os 11,5 km da 1.ª Mini-Maratona organizada pelo Clube Académico de Espinho, que mais uma vez meteu ombros a um empreendimento a pedir muito esforço e dedicação. E foi assim que, com uma ou outra falha de somenos, o atletismo viveu mais um dia de festa, facto que graças ao CAE vem ganhando entre nós um carácter regular.

A prova juntou os atletas das diversas categorias com prémios (muitos) em disputa, saldando-se por um certo domínio dos clubes populares do Porto (Leões Valboenses, Maconde e Vitória do Porto), apesar da prova estar aberta a federados. Os representantes espinhenses não brilharam, mas tiveram um comportamento digno.

O vencedor foi José Leite, do S. C. Lomba, que venceu também a categoria de seniores masculinos. Os vencedores das outras categorias foram: juniores masculinos, José Manuel (Núcleo Atlético Esperança), 3.º na chegada; juvenis masculinos, António Teixeira, do Vitória, 5.º; veteranos, Fernando Santos, do Sporting Club Português, 13.º; seniores femininos, Zulmira Maria, Esperança, 121.º; juniores femininos, Felismina Nogueira, Académico Godim, 128.º; juvenis femininos, Maria Conceição, individual, 171.º. Nas cinco primeiras categorias as equipas vencedoras foram respectivamente os Leões Val-

boenses, a Maconde (juniores e juvenis), Sporting C. Português e o Núcleo Esperança.

Quanto aos espinhenses, assinala-se a sua ordem de chegada:

Seniores — 19 — Alberto Costa (SCE); 23 — Ilídio Silva (SCE); 24 — Alvaro Sá (SCE); 29 — Manuel Santos (SCE); 77 — Olímpio Domingues (CAE); 86 — Eduardo Correia (CAE); 91 — Artur Carvalho (CAE); 142 — Arnaldo Valente (CAE); 152 — José Lino (SCE); 186 — Manuel Gomes (CAE).

Juniores — 28 — Henrique Martins (SCE); 52 — Pedro Faustino (SEC); 66 — Mário Cruz (SCE); 70 — Joaquim Meneses (CAE); 107 — João Carvalho (CAE).

Juvenis — 34 — Joaquim Silva (SCE); 35 — José Oliveira (SCE); 73 — Virgílio Pinto (CAE); 83 — José Ribeiro (SCE); 92 — Ricardo Valente (SCE); 187 — Carlos Amorim (CAE); 189 — Mário Soares (CAE); 202 — Carlos Queirós (CAE); 210 — Ernesto Couto (CAE).

Veteranos — 48 — José Gomes (SCE); 60 — Rogério Aluai (CAE); 72 — Joaquim Neto (CAE); 88 — Valentim Figueiras (SCE); 133 — Celestino Bessa (CAE); 138 — António Celeiro (SCE); 148 — Jaime Amorim (CAE); 208 — Carlos Aluai (OSUL).

Juvenis femininos — 218 — Maria Conceição Amorim (CAE) 2.ª na categoria.

FUTEBOL — JUNIORES**Vitória em Coimbra (3-1) garante permanência**

Foi muito complicada a decisão do 7.º lugar da série B do Nacional da I Divisão de Juniores, o único que restava dos que valeram a descida. Havia três candidatos, acabando por ser «escolhida» a Oliveirense que já tinha feito os jogos todos e tinha 2 pontos de vantagem sobre o Sp. Espinho e o Canas de Senhorim. Este último ganhou ao Anadia e o SCE em Coimbra, ao 1.º classificado, Académico, e o «goal-average» safou estas duas equipas.

Quanto ao Sp. Espinho, é justo realçar a excelente segunda volta (só uma derrota) tornando possível o que já parecia muito difícil. Esperemos para o ano um campeonato mais tranquilo.

SP. ESPINHO, 2 - PORTIMONENSE, 1

Apesar desta vitória, que deve ter assegurado aos espinhenses a permanência na I Divisão, os adeptos espinhenses não tiveram motivos para grande entusiasmo, tão pobre foi o futebol exibido pelas duas equipas, bem longe do que seria de exigir num campeonato da I Divisão.

A primeira parte foi jogada aos repêlões, com a defesa local embaraçada pelo jogo aéreo de Portimão (Mirobaldo, enquanto não se lesionou era, nesse aspecto «rei e senhor») e pela versatilidade do extremo-esquerdo Rogério, de bons pés e boa capacidade física. O Espinho, embora dominando territorialmente, não assentava jogo, com grandes responsabilidades para o meio-campo, onde Vítor atravessava um mau momento. Sobral defende mais do que ataca e Ruben andou esquecido lá no flanco direito, sem que Vítor ou Coelho o solicitassem como se impunha. As jogadas de ataque acabavam assim invariavelmente no lado esquerdo, com Vitorino a perder a bola ou a ganhar um canto e, no lado direito com Coelho a centrar como de costume: mal.

Corriam assim as coisas, e ouviam-se assobios, quando, finalmente, Coelho centrou bem, solicitado por Ruben. O guarda Valter ficou a ver e Reis, de cabeça, não perdeu. O resto da 1.ª parte decorreu sem qualquer interesse e veio a segunda.

Como de costume, o Sp. Espinho retraiu-se, coisa que sucede sempre que fora está empatado ou em casa ganha por

um golo. E aqui talvez se explique porque, das 9 vitórias conseguidas, todas em casa, 8 foram pela margem mínima e apenas uma (2-0 ao Varzim) mais do que isso. Gaspar já queimava o tempo e aconteceu o que se previa, depois de um par de lances em que a defesa espinhense metera água: a bola foi afastada pela defesa espinhense, que de imediato avançou no terreno. No entanto Raul (em muito má condição física) ficou lá atrás, do seu lado esquerdo, colocando em jogo Paulo Campos, que recebeu no coração da área a bola devolvida e fez um chapéu a Gaspar.

Só então, já com João Carlos no lugar de Ruben, a equipa procurou o ataque, conseguindo várias situações de perigo, pela vivacidade que o recém-entrado veio dar à manobra ofensiva. E, de um canto marcado precisamente por João Carlos, veio o 2-1, com uma outra cabeça (de Mória) e Valter mais uma vez pregado ao chão.

Acabou aqui, como era de prever, o bom (e curto) período do Espinho, que voltou a reter a bola e passá-la a Gaspar e a suscitar algum descontentamento na assistência.

«O Espinho ganhou, isso é que interessa», dizia no fim um adepto espinhense. Mas será que é só isso que interessa num espectáculo de futebol profissional?

CAE HOMENAGEIA AMÉRICO FREITAS

O capitão e guarda-redes do futebol do Académico, Américo Freitas, também dirigente dedicado, será alvo no próximo sábado de uma justa homenagem. Do programa constam, nomeadamente, no campo da Avenida, à tarde, os encontros CAE (B) — G. D. R. Espinho e CAE (A) — Sporting Ciudad, da Corunha. À noite haverá convívio de recepção na Piscina aos visitantes espanhóis.

**FONSECA
TECIDOS
MODAS
ESPINHO**

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

**CARLOS
PRATA
na
R.F.A.
com a
Seleção**

O espinhense Carlos Prata, de quem já é sobejamente conhecida a dedicação e o estudo que vem votando ao voleibol, partiu no passado dia 22 para a Alemanha Federal, integrado na comitiva da selecção nacional de voleibol que aí está a disputar a Taça da Primavera que envolve quase todos os países da Europa Ocidental e ainda Israel.

Recentemente nomeado treinador sub-nacional da zona norte das selecções de voleibol, Carlos Prata estará na Alemanha na qualidade de 2.º treinador da selecção nacional, após o que pensa deslocar-se a Itália, para frequentar um curso de voleibol ministrado por alguns dos melhores especialistas mundiais.

Carlos Prata foi-nos entretanto dizendo que a organização do voleibol nacional está longe de assentar em estruturas correctas começando por pôr em causa o modo improvisado como esta selecção foi preparada, a ponto de a sua deslocação se poder apenas justificar pelo facto de a próxima edição da Taça da Primavera se disputar em Portugal. A não ser que algo de novo suceda no voleibol português, tudo indica que Carlos Prata venha a rever a sua posição nas actuais estruturas federativas.

VOLEIBOL

INICIADOS E JUVENIS
A PROCURA DO TÍTULO

SENIORES MASCULINOS
Atl. Madalena, 3 — SCE, 0

SENIORES FEMININOS
CDUP, 3 — SCE, 1

INICIADOS MASCULINOS
SCE, 3 — Col. Lamego, 0

Com os seniores masculinos envolvidos num torneio de competência que (em princípio...) não lhes deve trazer problemas e os femininos vão disputando a fase final do Nacional I Divisão num tranquilo 4.º lugar, as atenções recaem sobre os juvenis e iniciados masculinos, que iniciam a sua participação na fase final do Nacional. Os juvenis começaram ontem com o F. C. Porto e os iniciados, principais favoritos, bateram o S. João de Bento e o Col. Lamego, que já havia vencido o F. C. Porto por 3-0.

Esta última vitória do SCE não foi tão fácil como parece (os «sets» foram muito equilibrados), pois o Lamego, apoiado por ruidosa falange de apoio, mostrou um voleibol evoluído e será, por certo, muito difícil de bater no seu ginásio.

Irão voltar os títulos nacionais ao voleibol do SCE? Esperemos que sim.

HÓQUEI EM PATINS

VICTOR HUGO NO
EUROPEU

NACIONAL DA I DIVISÃO
SENIORES
F. C. Porto, 10 — AAE, 1
REGIONAIS

JUVENIS
AAE, 10 — Valadares, 2
INICIADOS
Oliveirense, 4 — AAE, 4
INFANTIS
Oliveirense, 2 — AAE, 4

Apesar da derrota copiosa nas Antas, a equipa principal concluiu o campeonato no 7.º lugar, o que lhe assegura a permanência na I Divisão.

Nos mais jovens, o destaque vai para os juvenis que, depois de vencerem o Torneio Abertura seguem na frente do Regional com 3 vitórias em outros tantos jogos disputados.

Entretanto, e como se esperava, Victor Hugo está indicado para a equipa que a partir de 11 de Maio vai disputar o Europeu de Juniores em Barcelos.

HÓQUEI EM CAMPO

AAE PODE SUBIR

II DIVISÃO
Vilanovense, 0 — AAE, 1
RESERVAS
Vigorosa, 1 — AAE, 2
Vilanovense, 0 — AAE, 0

A par da agradável carreira das reservas, a primeira equipa está a um passo de assegurar o 2.º lugar que lhe permitirá discutir o acesso à I Divisão nos jogos de passagem.

ANDEBOL

FEMININOS EM EVIDÊNCIA

NACIONAL DA I DIVISÃO
A. S. Mamede, 26 - SCE, 20
REGIONAIS

INICIADOS
CDUP, 20 — SCE, 15
JUVENIS
SCE, 15 - Desp. Portugal, 15
JUNIORES
SCE, 16 — Progresso, 14
SENIORES FEMININOS
SCE, 31 - Elec. Cerâmica, 4

UMA QUESTÃO DE DIGNIDADE

Neste percurso acidentado da construção da democracia em Portugal, as comemorações do 25 de Abril têm vindo a transformar-se, no seu significado e na sua concretização, de acordo com as mutações da situação política.

Já não é possível comemorar o 25 de Abril com o sentimento único da alegria pela liberdade conquistada, porque esta liberdade é cada vez menos uma garantia e cada vez mais um direito que precisa de ser defendido. A nostalgia que se advinha na maioria do povo português não é, por outro lado, a atitude que basta nestes tempos de ameaça ao regime democrático que a revolução dos capitães tornou possível. Comemorar Abril exige agora muito mais do que isso, pede energia e determinação, surge como uma tomada de posição eminentemente política.

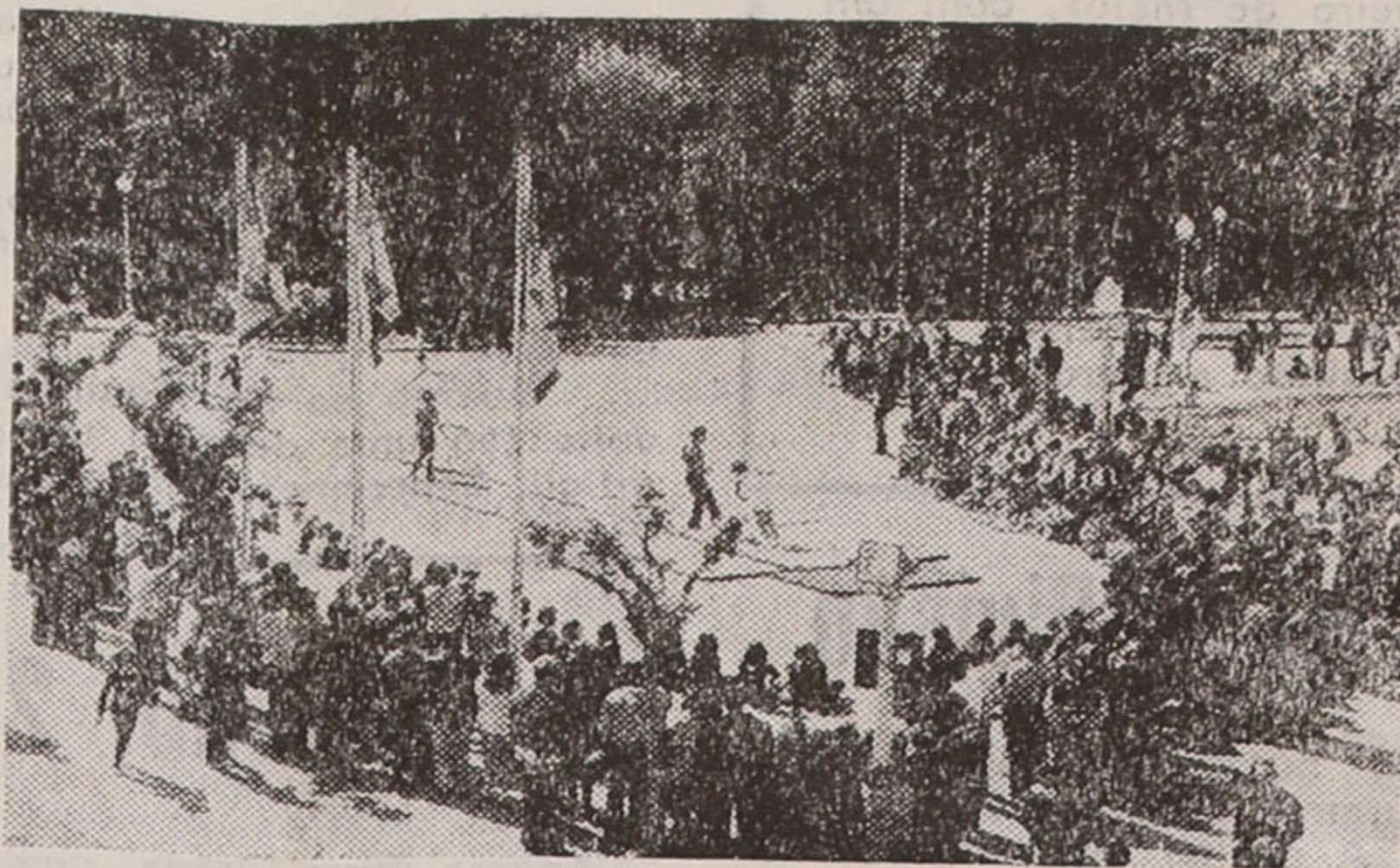
Que as comemorações do 25 de Abril são no essencial um acto político está a demonstrá-lo o modo como se desenrolaram as deste ano. Por um lado, uma maior mobilização dos democratas, que a todos níveis, nas autarquias, nas suas organizações políticas, na própria instituição militar, fizeram questão de emprestar maior vigor à celebração da efeméride. Por outro lado, a indiferença calculada dos inimigos da democracia ou, quando a responsabilidade de corpos o não permite e porque ainda não têm coragem de hostilizar directamente o 25 de Abril, o propósito declarado de retirar às comemorações aquilo que

sempre as tem caracterizado: a dignidade.

Na vanguarda desta operação estratégica de tentar retirar às comemorações o seu sentido de dignidade, ou mesmo de as «apalhaar», esteve o governo de Sá Carneiro. Sem a coragem de se assumir publicamente como inimigo de Abril, e com a ausência de sentido do ridículo que o tem caracterizado nestes meses, o sucessor do marcelismo não se coibiu de aproveitar esta data tão querida ao povo português para fazer campanha eleitoral rasteira, distribuindo os seus representantes por todo o país (ou «pelo círculos eleitorais», como disse Helena Cidade-Moura na Assembleia da República) para aí efectuar «visitas de trabalho» integradas, segundo disseram, nas comemorações do 25 de Abril.

Este exemplo foi, aliás, religiosamente, seguido em muitas das autarquias onde a AD domina e fez questão de misturar o 25 de Abril com festarolas abrilhantadas por artista de gosto duvidoso, invariavelmente reaccionários confessos.

«Se não podes com eles, mistura-te com eles» parece ter sido a palavra de ordem da direita, mais disposta a sujar com a sua presença o nome de Abril do que a combatê-lo frontalmente. Fez mesmo questão de levar esta sua atitude até ao hemisfério de S. Bento, afrontando os discursos de Ramalho Eanes e das forças democráticas, em vez de fazer o que lhe pediria a coerência: não aparecer, meter-se em casa, afastar-se daquilo que não lhe diz respeito.



O 25 de Abril é comemorado na rua. Por isso, as provas desportivas e as manifestações festivas e culturais são as que mais vão ao encontro do significado da data.

Este ano, em Espinho, as manifestações de rua ficaram limitadas a provas desportivas, já que não foi possível ultrapassar as dificuldades que se avolumaram para a realização de outras iniciativas. Mas o sol e o entusiasmo dos participantes foram o bastante para fazer daquela uma manhã diferente.

VISITA AOS QUARTÉIS

No dia 25, de tarde, algumas dezenas de pessoas dirigiram-se em caravana automóvel, ao Regimento de Engenharia e à Carreira de Tiro em Paramos, com o fim de entregar cravos aos militares, em homenagem às Forças Armadas.

No Regimento de Engenharia o oficial de dia disse ter ordens para não receber nada. Por isso os cravos foram atirados para dentro do quartel. Os presentes entoaram em coro

a «Grândola» e deram vivas ao MFA e ao 25 de Abril.

Na Carreira de Tiro houve uma breve confraternização entre populares e militares.

DESPORTO COM ABRIL

Como vem sendo hábito, o desporto esteve intimamente ligado às comemorações do 25 de Abril, com todas as suas virtualidades de veículo de aproximação entre as pessoas.

Presente nas freguesias, e com particular incidência em Guetim, a actividade desportiva esteve também nas comemorações a cargo da Câmara Municipal e ocuparam o período da manhã do 25 de Abril, antecedendo as cerimónias oficiais propriamente ditas. Estiveram neste caso as exhibições das classes de ginástica mais jovens da A.A.E. no largo fronteiro à Câmara e as provas de atletismo destinadas a todas as classes etárias e que contaram com a participação de cerca de oito dezenas de atletas, jovens na sua maioria.

Entretanto, à mesma hora, disputava-se no pavilhão do S.C.E. um torneio quadrangular de futebol de salão, com equipas representativas do concelho. Silvalde, que eliminou Guetim, e Espinho, que eliminou Paramos, disputaram a final, que veio a ser favorável aos representantes da sede do concelho.

Presidente em ronda pelos ministérios

O Presidente da edilidade espinhense deslocou-se recentemente a Lisboa onde, em contacto com vários departamentos oficiais, e juntamente com outros Presidentes do Distrito, procurou informar-se do andamento de vários processos de interesse para o concelho, alguns dos quais se vêm já arastando há longo tempo.

No Ministério dos Transportes, José Fonseca entregou aos responsáveis o dossier relativo à construção da prevista central de camionagem, para a qual foi garantido todo o apoio técnico, sendo a comparticipação financeira mais problemática.

Quanto ao caso do Tribunal, a construir nos terrenos da feira, a nascente da rua 24, foi

abordado num contacto com o responsável ministerial pelo sector, estando toda a parte burocrática em vias de ser ultimada. Em princípio, o projecto final deverá ser enviado urgentemente aos serviços centrais, por forma a ser apresentado ao Conselho Superior de Obras Públicas para aprovação definitiva. O financiamento compete ao Ministério da Justiça.

Mas também de saneamento e abastecimento de água se tratou em Lisboa. Embora Espinho esteja longe de ser dos concelhos mais atrasados neste sector, há ainda muitas zonas das freguesias onde aquelas infraestruturas não existem. Problema à partida é a redução verba existente para o sector, que vai ser compensada com um empréstimo a um ban-

co alemão, podendo as câmaras solicitar por seu lado empréstimos à C. G. Depósitos. No caso de Espinho, onde uma das principais obras previstas é a ligação à conduta de Lever, é sugerida a ligação a outros municípios para que através de uma federação se resolvam os problemas que afinal a todos afectam.

Entretanto, a mais longa audiência nesta série de visitas aos departamentos governamentais foi a que teve lugar no Ministério dos Assuntos Sociais, onde foram tratados problemas relacionados com os lares da Terceira Idade. Quanto ao edifício a construir para o Centro de Saúde e os Serviços - Médico - Sociais, tudo está ainda bastante atrasado.

Lusitânia — Abril/80

COMEMORAÇÕES

Como se sabe o governo resolveu «comemorar» o 25 de Abril numa forma bizarra: anunciando medidas, das quais 99% estavam já estruturadas por governos anteriores. Mas o cúmulo ouviu-se no «24 Horas» da RTP-1, dois dias antes do 25 de Abril.

A certa altura o locutor saiu-se com esta: «Integrado nas comemorações do Dia da Liberdade, o Ministro da Agricultura inaugura em Braga a Agro-80».

Comentários, para quê?

O CONVITE

Ainda à volta da Agro/80, passou-se também um caso muito curioso: em devido tempo a Câmara Municipal de Braga enviou um convite ao MAP para que estivesse presente na inauguração do certame, que seria (e foi) presidida pelo Eng. Garcia dos Santos, em representação do PR.

Imaginem o espanto do Presidente da Câmara bracarense quando, nas vésperas de 25 de Abril recebe um convite do MAP para a referida inauguração. Mas agora o convidado é que convida o anfitrião? Bizantines AD.

MUSICAIS

O programa das comemorações do 25 de Abril, levado a cabo pela Câmara de Lisboa foi deveras curioso especialmente na parte musical: conjuntos rock e velhas figuras do nacional cancionismo: Maria José Valério, Rui de Mascarenhas, Trio Odemira, Lenita Gentil, etc. A canção de Abril não primou pela ausência. Aliás, outra coisa não seria de esperar do sr. Abecassis, presidente CDS.

O 115

Após o falhado raid «yankee» para tentar a libertação dos reféns em Teerão, mais uma vez o governo AD se apressou a enviar uma mensagem ao Carter, na qual exprimia o seu pesar pelas vítimas desse tresloucado acto, e afirmava ter compreendido muito bem as razões do referido «raid». Nos próprios Estados Unidos, as opiniões dividem-se. Mas o Governo Sá-Freitas toma logo posição... e que posição!

Mais uma vez, é ser mais papista que o Papa.

Será que o governo português se transformou no 115 moral dos EUA?

LIBERDADE DE INFORMAÇÃO EM DEBATE

com Rui Lima Jorge (da Rádio Comercial)
e César Príncipe (do Jornal de Notícias)

6.ª feira, 2 de Maio, às 21,30 horas

no SALÃO DA PISCINA

SALÃO DE ABRIL — COOPERATIVA NASCENTE



A Biblioteca Gulberkian
Rua 21 - ESPINHO

PORTE
PAGO